

# TERRITORIALIDADES DO MISTÉRIO: A MÍSTICA NO ACAMPAMENTO PEDAGÓGICO DA JUVENTUDE OZIEL ALVES PEREIRA – MST

## TERRITORIALITIES OF THE MYSTERY: THE MYSTIC IN YOUTH PEDAGOGY CAMP OZIEL ALVES PEREIRA - MST

Hiran Possas 1  
Jerônimo da Silva e Silva 2

Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP) desenvolvendo 1 pesquisas sobre experimentações artísticas marginais; (Bolsista CAPES modalidade II). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (Universidade da Amazônia/PA), ao decantar e analisar temáticas advindas de narrativas orais das ilhas do município de Ananindeua/PA. Especialista em Teoria Literária (UFPA). Licenciado pleno em Letras (UFPA). Integrante do grupo de pesquisa; Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem. - PUC/SP; e líder do GEIA/CNPQ/UNIFESSPA (Grupo de Estudos Interculturais das Amazônias). Realiza pesquisas cujas temáticas tratam de: poéticas orais; estudos culturais; memórias e imaginários; estudos semióticos; pós-colonialismo; teorias da comunicação e Artes; marginais; Atualmente, professor da Faculdade de Educação do Campo e professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará).  
E-mail: hiranpp@hotmail.com

Licenciado Pleno e Bacharel em História (UFPA, 2001), 2 Especialista em História Social da Amazônia (UFPA, 2007), Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA, 2011), Doutor em Antropologia (PPGA/UFPA, 2014), Pós-doutorado (2016-2018) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Atua nos temas: Encantaria Amazônica (Rezadeiras, Parteiras, Pajés, Mães e Pais de Santo, Exorcistas), Narrativas Orais, Cristianismos, Cosmologias Africanas e Indígenas - Afroindígenas. Dedicar-se nos últimos tempos também ao estudo de Memórias no âmbito da Educação do Campo, Campesinato e Movimentos Sociais na Amazônia Oriental. Professor Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará; Lotado no Instituto de Ciências Humanas - Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO). E-mail: jero1978@unifesspa.edu.br

*Resumo: Nesse escrito, as reflexões são advindas da participação docente dos autores no curso de Educação do Campo - Campus Marabá da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - delimitadas às experiências da pesquisa de campo e registros fotográficos com jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. Desse universo de trocas simbólicas, as anotações e os diálogos estão circunscritos aos processos de realização tanto de místicas entre os dias 10 e 17 de abril de 2019, quanto em edições anteriores no contexto do Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira, realizado entre Marabá e Eldorado do Carajás, na "Curva do S". Em perspectiva interdisciplinar envolvendo a pesquisa de campo antropológica e estudos de semiótica, o artigo reflete como as memórias dos enfrentamentos do MST no passado retroalimentam a leitura dos acampados sobre o presente nos relatos e nos registros fotográficos da mística, desvelando que as imagens elaboradas de si e as narrativas das alteridades são evocadas a partir do território místico onde se rememora os mártires. Reitera-se, por fim, que as experiências emergentes na mística, para além do processo ritual, anunciam ferramentas críticas para compreender o atual cenário político brasileiro.  
Palavras-chave: Mística. Território. Educação do Campo.*

*Abstract: In this writing, the reflections come from the authors' teaching participation in the Field Education course - Marabá Campus of the Federal University of South and Southeast Pará - delimited to the experiences of field research and photographic records with young people of the Rural Workers Movement. Without Land, the MST. From this universe of symbolic exchanges, annotations and dialogues are limited to the processes of realization of mystics between April 10 and 17, 2019, as in previous editions in the context of the Ozziel Alves Pereira Youth Camp, held between Marabá and Eldorado do Carajás, in the "Curva do S". In an interdisciplinary perspective involving anthropological field research and semiotic studies, the article reflects how memories of the MST's confrontations in the past feed the reading of the campers on the present in the mystical reports and photographic records, revealing that the elaborate images of themselves and the narratives of otherness are evoked from the mystical territory where the martyrs are remembered. Finally, it is reiterated that emerging experiences in the mystical, beyond the ritual process, announce critical tools to understand the current Brazilian political scenario.  
Keywords: Mystic. Territory. Field Education.*

*“Antes de ser um espetáculo, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vivemos antes em sonho. Mas a paisagem onírica não é um quadro que se povoa de impressões, é uma matéria que pulula.”*

Gaston Bachelard (1989, p. 5)

## Introdução

Uma reflexão sobre territorialidades é cara, para não dizer multidisciplinar e de desdobramentos polissêmicos, a depender do contexto multidimensional da pesquisa. Nesse escrito, as reflexões são advindas da participação docente dos autores no curso de Educação do Campo - Campus Marabá da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - delimitadas às experiências etnográficas e análises no campo da semiótica a partir dos relatos com alguns jovens discentes do MST. Desse universo de trocas simbólicas, as anotações e os diálogos e a captura das imagens estão vinculadas aos processos de realização de místicas.

Os registros imagéticos acompanhados de algumas análises advêm da presença dos autores, entre os dias 10 e 17 de abril de 2019, quando da realização por parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no 14º Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira, na rodovia BR-155, entre Marabá e Eldorado do Carajás, em área denominada de “Curva do S.” e dados de levantamentos empíricos e referenciais bibliográficos em acampamentos anteriores. O acampamento é parte do Dia Internacional de Luta pela Terra, promovido pela Via Campesina, além de ser uma histórica referência ao assassinato de dezenove trabalhadores rurais promovidos pela Polícia Militar do Pará, episódio conhecido posteriormente como “Massacre de Eldorado do Carajás” (STÉDILE & FERNANDES, 1999).

Neste ano, o tema: “Juventude do Campo e da Cidade contra o Fascismo em Defesa da Soberania dos Povos”, além de ser o eixo para o desenvolvimento de oficinas, palestras e outros aspectos formativos no acampamento, foi enaltecido por evocar a relação entre um projeto de sociedade justa e igualitária e o processo de luta pautado na ação concreta, na composição de sujeitos em territorialidades compósitas: como povos indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, atingidos por barragens, bem como pessoas segregadas nos espaços urbanos. A necessidade de coalisão de forças e agenciamentos para enfrentar o “Fascismo” seria justamente a condição fundamental para a tessitura da “Soberania dos Povos”. Em situação indistinta dos percalços das lutas vivenciadas pelo MST, o fascismo, entendido neste cenário como um movimento de denegação de direitos adquiridos e apelo feroz à violência é considerado empecilho à autonomia da vontade e determinação dos povos do campo. Compartilhado por participantes do MST, esse entendimento sinalizou a intencionalidade do tema: a. valorizar a memória daqueles que deram a vida enfrentando a violência do Estado, b. a necessidade de reforçar as linhas de atuação no atual contexto brasileiro, c. o enfrentamento às forças reacionárias e alienantes que tem emergido na última década.

A elaboração da mística pelo MST teve vários objetivos e perpassa direta ou indiretamente a imagem que o movimento tenta construir de si, reforçando certa unidade interna, além de externar suas potencialidades para o outro, o externo ou “não orgânico”<sup>1</sup>;

---

1 Segundo os narradores a noção de organicidade é a marca de distinção entre os participantes do MST e os demais, nela o grau de pertencimento é dado pela adesão aos princípios organizativos na luta pela terra, o exercício da formação contínua nos Núcleos de Base e em coletivos específicos. As pessoas que não comungam desses princípios, ainda que tidos como “parceiros”, “colaboradores” ou “aliados”, são denominados internamente de “não orgânicos”, entretanto a atribuição desses papéis não guarda tom discriminatório

assim, vê-se um ritual voltado para a sinalização de um destino intrínseco ao movimento, como a luta pela terra, a relação com a natureza, um estado de ânimo ou caráter baseado na justiça social, por exemplo, e, ao mesmo tempo, um condutor para as práticas de luta social e política, estimulando a indignação ante às violências perpetradas no campo (VARGAS NETTO, 2007; FERNANDES 1999).

A mística, desse modo, é um ritual que situa duas formas de demarcação. A primeira tem o papel de referenciar o lugar de pertencimento para o integrante do movimento e produzir um chamamento, um “despertar” naquele que habita o território do “não orgânico”. Se a primeira demarcação produz uma territorialidade da identidade e diferença, a segunda demarcação – para o caso em tela – desloca o ritual para o território da memória, encenando um episódio traumático em lutas do presente, não para apartar passado e presente, nem tão pouco para transformar ou plasmar tais momentos em uma situação única, e sim talvez para construir costuras de continuidade, atravessamentos e formas de identificação com “àqueles que tombaram na luta”, ou ainda “repassar as lutas de nossos irmãos que vieram antes de nós” (OLIVEIRA, 2001).

Se por um lado a comunhão com as lutas do passado através desse tipo de testemunho constitui o elã da alteridade forjada pelo movimento, por outro não se pode ignorar o papel decisivo da mística no acampamento da juventude, ambiente composto majoritariamente por jovens, mas voltado para o reforço das tradições de luta do MST. Certamente, apesar dos conteúdos almejados pelo movimento ou coletivo de jovens, e pelos elementos mais gerais que caracterizam esse ritual em reuniões, eventos, acampamentos ou assentamentos de trabalhadores rurais no Brasil, a mística, para além de seu momento ritual, há de se atentar para a sua constituição, princípios norteadores que a antecedem e nela participam (TURATTI 2005; GOMES 2009).

Este artigo analisa a construção e registro da mística no Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira realizada no sul do Pará, apreendendo como demarcações nos territórios da pertença identitária e memórias se mobilizam no processo de construção da mística. Construído com dados de pesquisa de campo realizada entre 2016 e 2019 em edições anteriores do Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira, relatos colhidos durante orientação do Tempo-Comunidade com acadêmicos da Faculdade de Educação do Campo residentes no Assentamento Palmares II, Assentamento 17 de abril e Acampamento Dalcídio Jurandir, uso de registros fotográficos de representante do MST e dados do Projeto de Extensão “Memória e Social e Luta pela Terra” desenvolvida com auxílio da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis no âmbito da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará pretende-se apresentar brevemente como as memórias dos enfrentamentos do MST e as tensões e anseios dos acampados no presente retroalimentam a percepção de uma identidade coletiva que propicia a maturação direta ou indiretamente da mística.

O artigo aborda os sentidos das memórias e as imagens fotográficas da mística não para demonstrar os princípios do MST e seus pressupostos pedagógicos, temáticas abordadas com certa frequência, e sim para refletir como a tensão liminar entre memória e identidade, intuídas pelos narradores, pois, apesar de estruturar a organicidade do movimento, também pode reelaborar mudanças nas percepções e imagens, deixando escapar sentidos e ferramentas críticas para a compreensão de nosso contexto social.

Segundo Oliveira (2010), dentre as experiências formativas defendidas pela juventude do MST, podemos observar, primeiramente, a noção de “educação para o trabalho e cidadania”, que consiste no vínculo entre a prática do trabalho no cotidiano do campo associado aos princípios de divisão de tarefas.

Outra noção fundamental para a análise dos dados de campo e das narrativas no contexto funcional do Acampamento é a definição e interpretação do conceito de “juventude”. Em consonância com Sposito (2003), pensamos a juventude não como um termo generalizante e essencialista que dê conta de amplos enredos culturais. A percepção do que denominamos de “jovens” está ancorado em pertencimentos e representações pró-

prias das aspirações e demandas sociais no jogo entre os agrupamentos. Então, ser “jovem”, para além da crença num tipo de “frescor” psicofisiológico, vitalismo físico ou de uma demarcação etária nos quadros comparativos dos estudos de população, significa, no caso do contexto da pesquisa e dos relatos desdobrados no correr das páginas, a) um pertencimento a um projeto de renovação de lutas e ideais que perpassam a luta histórica dos trabalhadores do campo; a sensação de fazer parte de um momento de sementeira, isto é, de ser uma “semente” que colabora diretamente o tempo do “futuro”, tido como tempo do porvir, do advento de algo melhor; c) ao mesmo tempo, e pelo jogo das imagens construídas diante de si por adultos ou grupos de outras faixas etárias, os jovens também enfrentam a fragilidade de “não terem experiência suficiente”, “de estarem longe dos ideais de luta do passado praticado pelos velhos” ou mesmo de “não terem a mesma disciplina” das gerações anteriores, sendo, portanto, em alguns casos, vistos como signo de decadência e retrocesso (SPOSITO 2003).

É oportuno ainda mencionar que o atributo de territorialidade, em questão, advém dos sentidos atribuídos à luta pela terra-território por essa juventude camponesa, quando do desejo de apropriação, controle, (re) usos desses espaços. Dessas narrativas, é possível esclarecermos que estaremos destacando lugares de agências humanas materiais-simbólicas, significando dizer que o lugar físico, por exemplo, estará conjugado com construções discursivas culturais desses sujeitos. (LITTLE, 2002; SANTOS, 1982).

Por esse enredo, ensaios interpretativos, com diversificada literatura de apoio, buscam longe de encerrar e esgotar a temática elencada, linhas de fuga<sup>2</sup> dos lugares comuns e habituais de investigação e descrição, se assim for à recepção desse escrito.

## Descrição e análise do Campo

O Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira é um marco internacional na luta pela terra. Desde o ano de 2006 o MST, diversos setores da sociedade civil e demais movimentos sociais, órgãos internacionais, poderes públicos e inúmeros veículos de comunicação acompanham durante aproximadamente sete dias as atividades desenvolvidas na “Curva do S.” próximo ao memorial erguido em memória aos trabalhadores rurais assassinados. Acampados na beira da estrada, dezenas de jovens participam de processos formativos, palestras e oficinas, absorvendo a disciplina e cotidiano de uma vida em acampamento, isto é, inseridos em uma programação de atividades, funções e responsabilidades, compartilham desde o revezamento na limpeza do local até a socialização de ideias expostas nos espaços formativos (ALMEIDA 2006).

Permanecer durante aproximadamente sete dias no local, ante ao Monumento das Castanheiras Mortas<sup>3</sup>, representa uma tentativa de reproduzir as condições de vida à época do massacre, uma forma de restabelecer vínculos, de fazer um retorno renovado.

É importante esse Acampamento porque é como se a gente voltasse para onde tudo começou, sabe? É pra gente fortalecer, trazer tudo de volta pra renovar (...) a gente vem aqui pra sentir o que eles sentiram, pra erguer a cabeça de novo. (...) dá raiva, mas também vem a força, né? E toda vida é assim. Depoimento oral. João Almeida, 22 anos.<sup>4</sup>

2 A partir da perspectiva de rizoma, (Deleuze & Guattari, 1995), como um modelo de resistência ético-estético-político, linhas de fuga seriam aquelas que escapam da tentativa totalizadora; fazem contato com outras raízes. São linhas de intensidade movendo-se em direções imprevisíveis.

3 O monumento intitulado “As Castanheiras de Eldorado do Carajás” foi concebido, a pedido do MST, pelo dramaturgo Dan Baron Cohen. Após consultar os trabalhadores rurais do Assentamento 17 de abril foram dispostas dezenove castanheiras mortas e repletas de cicatrizes para simbolizar o “Massacre de Eldorado do Carajás”. Os agricultores sugeriram que a castanheira, árvore ameaçada pelo desmatamento e expansão do agronegócio na região, seria um componente similar com a violência que se abateu sobre os trabalhadores rurais naquele episódio. Utilizo o termo “Monumento das Castanheiras Mortas” por ser o mais recorrente nos relatos da pesquisa de campo e não para buscar definição precisa do acontecimento.

4 Com exceção de Maria Zelzuita Oliveira de Araújo, utilizamos pseudônimos para os demais narradores.

Para alguns narradores o episódio ocorrido na “Curva do S” é como se fosse um marco zero, um momento fundante do movimento, uma espécie de divisor na sua história. Se de alguma forma as conquistas do MST foram multiplicadas após o massacre e houve contundente visibilidade no âmbito nacional e internacional, por outro a demarcação no campo da memória produzida pelo trauma faz emergir o preço de sangue cobrado pelo poder público como consequência da conquista. Revisitar o lugar é compreender o alto custo das conquistas sociais requeridas pelos poderes instituídos, mas, ao mesmo tempo, representa a recuperação mnemônica do sacrifício exercido no ato de enfrentamento, esse esquadramento fronteiriço que faz passar do perigo para a coragem é percebido justamente, quando, ao acompanharmos os relatos e a busca incessante de encarnar os momentos que antecederam o massacre, “de sentir o que eles sentiram”, para muitos significa o ápice do acampamento (BENJAMIN 1994).

A semana dos acampados tem como ponto culminante o dia 17 de abril, data exata do cerco policial, mas os dias anteriores são fundamentais para a construção da vivência, de uma gradual incorporação da coletividade no que diz respeito ao reconhecimento dos trabalhadores assassinados como “heróis”, “mártires” e “vítimas”, tal como manifesto nas falas e momentos formativos.

No decorrer dos momentos de formação, a utilização dos termos “heróis” e “mártires” eram recorrentes e manuseadas alternadamente quando se referiam aos episódios de coragem e enfrentamento, assim trabalhadores que permaneceram no lugar para auxiliar na fuga de mulheres e crianças, ou ainda lideranças que preferiram “encarar o algoz” ao invés de se esconderem para observar, à distância, os outros padecerem em seu lugar, são alguns relatos mais evidentes da associação virtuosa entre “heroísmo” e “martírio”. No primeiro há uma valorização da iniciativa e coragem, de um senso de justiça e identificação com a luta popular, no segundo prevalece certa abnegação, a aceitação de um destino voltado para o sacrifício, como se o mártir estivesse plenamente consciente de que a entrega de sua vida era fundamental para a sobrevivência dos demais, “um fruto que cai no chão e frutifica centenas de consciência” (BORGES 2004; MENEZES NETO 2007).

Os trabalhadores rurais assassinados são designados como “vítimas” geralmente quando há reconstituição narrativa sobre a força do aparato policial, a logística, o calibre das armas de fogo, as fotografias dos corpos mutilados, o conluio dos agentes públicos na preparação da matança, no ato em si e na tentativa de ocultar os corpos. A abordagem do processo judicial e o prolongamento da morte dessas pessoas através dos extenuantes tempos processuais também estruturam a condição de “vítima”. É importante ressaltar que ao fazer pousar o signo de “vítima” não pretendem enfatizar o caráter passivo das pessoas assassinadas, e sim valorizar a desmesurada violência sobre eles exercida, a fim de fazê-los retornar à vida através da indignação simbolizada pelos vivos.

Outro elemento a ser valorizado é a maneira como alguns acampados edificam um processo de pertença com as lutas pretéritas a partir do lugar da “beira da estrada”. Um jovem acampado na beira da estrada a observar estático a passagem de motoristas e passageiros em veículos automotivos fez o seguinte relato:

A gente só é ouvido quando vai pra estrada, quando se põe na frente deles, sem isso ninguém vê a gente. Parece que ninguém olha pro lado, pro próximo sabe professor?! Eles vão embora, só querem saber de chegar onde querem (...) agora nós que ficamos aqui na beira da estrada é deixado de lado, a diferença entre nós e os que foram mortos aqui é só que estamos vivos, (quer dizer), estamos vivos e não. Depoimento oral. Anderson da Silva, 19 anos.

Paulatinamente os jovens acampados reconstróem a distinção entre eles e as pessoas que passam desatentas na estrada, o olhar voltado para Monumento das Castanheiras Mortas, preocupação diuturna, contrasta com a indiferença atribuída no olhar de motoristas e passageiros que transitam pelo lugar, intensificando a sensação de estar fora do



caminho, de ser um Outro disposto à margem. O ato de obstruir a estrada em horários determinados, além de recorrente na dinâmica do Acampamento Oziel Alves Pereira, estratégia para reivindicar demandas e visibilizar as ações, é plasmado pelo narrador para descrever o individualismo na sociedade e preconizar como “estar na beira” é um lugar intermediário em que os vivos compartilham a mesma condição dos mortos, numa clara analogia entre os acampados e os trabalhadores rurais executados.

A perspectiva do jovem acampado a observar, simultaneamente, o Monumento das Castanheiras Mortas e a passagem dos carros faz aparecer ainda o contraste do movimento, não dos carros, mas do olhar dos transeuntes, quer dizer, a fugacidade do olhar dos vivos na estrada se contrapõe à inércia daquele que habita a margem e contempla a imagem que constrói diante de si, que é a imagem dos mortos, porém que se fazem vivos graças a potência da memória a revestir o Memorial das Castanheiras Mortas.



Foto de pesquisa 01: Jerônimo da Silva, 2019.

Nesse sentido, através de captura fotográfica da mística realizada no dia 17 de abril de 2019, apreende-se não somente o reviver do momento pós-massacre, com a disposição dos corpos inertes, abandonados à própria sorte e ao ocultamento da segunda morte – o esquecimento –, mas principalmente a presença rediviva daquilo que lhes foi negado, qual seja, o olhar das testemunhas. A presença dos jovens entre os corpos, o alento dado aos feridos e o lamento, consiste no lançamento dos jovens para o tempo da memória em que se eterniza o direito negado e simultaneamente translada a morte para o instante do agora (LIMA VAZ 1994).

Esse pontilhar permanente dado pela mística guarda comunicação com o relato de Anderson da Silva, citado nos parágrafos acima: se outrora o lugar dos acampados e dos “mártires” na beira da estrada corroboram a percepção do narrador acerca dos processos de exclusão, por outro a realização da mística na estrada interdita, termina por se transfigurar em cenário de testemunho, onde motoristas, passageiros, transeuntes diversos, poder público e descendentes de muitos que ali foram mortos fazem da beira da estrada

um lugar de observação, recolocando os mortos no papel de protagonistas. Entenda-se por “protagonistas” não àqueles que se põe no fluxo da estrada, e sim os que detêm o fluxo, que se dispõe a interromper o pavimento, processo transformacional do corpo em barricada (GAGNEBIN 1997).



Foto da pesquisa 02: Jerônimo da Silva, 2019.

Após a apresentação da mística, todos os presentes foram levados para o “Memorial das Castanheiras Mortas”<sup>5</sup> a fim de ouvir o relato de Maria Zelzuita Oliveira de Araújo, uma das sobreviventes do massacre, testemunha da ação policial no dia 17 de abril. Ali, no centro do memorial, sob as pedras e gravuras dos exterminados uma forte comoção tomou conta dos presentes. O registro fotográfico deste pesquisador fora interrompido pela necessidade de se retirar para uma área isolada, a fim de esconder o choro amargo e compulsivo. Não há referencial que nos prepare para tais circunstâncias (GAGNEBIN 2006).

Outro desdobramento relativo ao fortalecimento da mística é a pluralidade de pertencimentos, estranhamentos e identificações com uma gama de tradições elaboradas a partir das memórias outrora referenciadas. Viver e adotar os princípios organizacionais do MST significa submeter-se a um processo considerado como coletivo e colaborativo, afirmando sua identidade a partir do conceito de organicidade.

A expressão organicidade indica no Movimento o processo através do qual uma determinada ideia ou tomada de decisão consegue percorrer de forma ágil e sincronizada o conjunto das instâncias que constituem a organização, desde o núcleo de base de cada acampamento e assentamento até a direção nacional do MST, em uma combinação permanente de movimentos ascendentes e descendentes capazes de garantir a participação efetiva de todos na condução da luta em suas diversas dimensões. (CALDART, 2000, p. 162).

Apesar da organicidade não ser definida como um sistema rígido guarda finalidades diretivas e orienta justamente certa marcação de diferença entre os ditos “orgânicos” e “não orgânicos”. Dessa maneira além de ter o papel de fornecer coesão ao movimento, a mística escapa para o público externo, por vezes, com o objetivo de comunicar mensagens de crítica social a outros setores da sociedade. A atuação fronteiriça entre o território da memória e o território da identidade em que se situa a mística não desvela apenas o que os inúmeros estudos do tema já expressam, isto é, o seu virtual caráter pedagógi-

<sup>5</sup> Reiteramos novamente que seguimos a nomeação dos narradores ao monumento, e não a designação dita oficial.

co e formativo (ALCÂNTARA 2006; DINIZZ JÚNIOR 2007), mas indiciam desdobramentos que ultrapassam a sua própria definição. O que isso significa? Embora a mística seja um ritual com características e objetivos específicos há muito debatido em várias áreas do conhecimento, com mudanças permanentes e particularidades, há momentos, como os vivenciados na “Curva do S.” do ano corrente, por exemplo, em que o ritual é superado pela intensidade do lembrar.

## A Mística

Bogo (2005) ao pensar a mística, nos movimentos sociais, a compreende como ação misteriosa - sem explicação - capaz de motivar, animar, confraternizar e fazer vibrar a combatividade para a luta de uma causa, podendo ser compreendida por multidimensões ou pelas confluências dessas: fé à solução de problemas sociais; a luta de classes pelo fazer lúdico, consciência de pertencimento de uma causa e a renovação da militância, dentre outros.

Para Frei Betto (2001, p. 116), a mística seria:

o encontro da razão última da existência ou a possibilidade de dar à existência um sentido. É o sentido de voltar-se para o outro e para os outros numa dinâmica que vai mais pessoal ao mais social e que pode ser descrita como experiência de Deus. Pode ser descrita também como experiência permanente da paixão! Quem já esteve apaixonado algum dia, sabe que, na paixão, a presença do outro é mais forte que a presença de você em você mesmo.

Em contrapartida, esse exercício de “espiritualidade de libertação”, pode ser pensado como práxis pedagógica, como formação política, para libertar o trabalhador rural da condição de explorado e os pensamentos que naturalizam principalmente sua exploração. O MST, nesse enredo pedagógico, faz de suas ações de contestação movimentos de reestruturação dos modelos de propriedade rural, para o usufruto da terra de forma familiar, associativa e cooperativa, significando garantia de trabalho a todos e a todas; produção de alimentação farta, barata e de qualidade para a população brasileira; justiça social e igualdade de direitos; preservação e recuperação os recursos naturais e o repensar de modelos de desenvolvimentos alternativos.



Foto da pesquisa 03: Jerônimo Silva, 2017.





Foto da pesquisa 04: Jerônimo Silva, 2017.

A perspectiva imagética acima é o interior da “Casa da Memória”, recinto utilizado por mulheres, crianças e parte da equipe jornalística que se esconderam da fúria policial em 17 de abril de 1997. Outrora uma capela feita de madeira, segundo testemunhos, teria sido o local de onde arrancaram pelos cabelos Oziel Alves Pereira, que sob espancamentos ininterruptos, fora assassinado com um tiro à queima-roupa.

A potência do lugar é intensificada pela memória que o recobre, sua história local e a presença de parentes e familiares que tiveram entes perdidos terminam por produzir esse espaço como um “território de mística”.<sup>6</sup> Em pesquisa de campo realizada em abril de 2017, através da uma sobrevivente, apreendemos como determinadas testemunhas, hoje, reencenam e dão significados às imagens e aos objetos dispostos no local.

Na porta do memorial, vestida de branco, com gestos discretos e olhar recolhido, a narradora, visivelmente emocionada pela mística realizada, começa o relato a partir da figura frontal (foto 03), ressaltando inicialmente a história de perseguição dos fazendeiros, as matanças e multiplicação de órfãos e viúvas, e, finalmente, o jovem tombando. As memórias dos assassinados que emergem nas palavras seguem certa cronologia, passando por massacres em fazendas na década de 80 até extermínio de ambientalistas, uma lista citada rapidamente, uma recuperação “daqueles que tombaram” para se reagrupar no enredo.

Lateralmente, objetos específicos de trabalhadores rurais são dispostos para descrever os únicos bens deixados por eles, tais ferramentas, ceifadas de seus donos pela morte, foram violadas pelo empuxo do esquecimento. Ou seja, o que era signo de pertença, marcador e muitas vezes pré-condição para o trabalho e vida no campo, tornou-se signo de ausência, também rastro, testemunho da memória contra a morte e o esquecimento, respectivamente (GANGNEBIN 1997).

Adentrando o memorial (foto 04) e deslocando sua atenção para o centro do recinto, a narradora discursa sobre a composição do relato da memória e esperança da luta, portanto, contrapõe-se e pretende superar o episódio a partir do cenário da mística: as cruzes em formato circular tendo como fundo o tecido vermelho são vivificadas pelos nomes inscritos nos papéis, acionando a individualidade das vítimas pelo nome, mas não pelo nome em placas amorfas ou lápides, mas pelo frescor de sua escrita recente, pela evocação do nome a partir das lutas e sentidos para os vivos.

O tronco de castanheira dilapidado, símbolo atribuído pelo MST aos “mártires da Curva do S”, apesar do tempo e da violência sofrida, mantém-se erguido, tendo em seu

<sup>6</sup> Não se trata de um “espaço oficial de mística”, nem tão pouco de um marco fundacional com ascendência sobre os demais. As narrativas ouvidas na ocasião foram dadas justamente durante uma mística na “Casa da Memória”, momento onde dispuseram velas no entorno e escreveram em papéis os nomes de pessoas assassinadas. Este é o contexto.

seio uma rosa, indício de renascimento e fertilidade daqueles que sempre serão lembrados para florescer as lutas e resistências. O terçado cravado na parte superior da madeira significa, em uma direção, o traslado de um objeto que inicialmente estava despojado lateralmente, pegada da ausência para o centro da memória justamente graças o tear mnemônico. Por outro, o “terçado e a rosa são a união do amor com a luta”, nos informa a austera testemunha. A relação entre “morte” (cruzes), “vida” (rosa) e “luta” (terçado) emerge como um tripé que possibilita o sentido da mística, neste contexto da pesquisa.

Gestos, danças, rezas, clamor, corpo-lama, marchas, bandeira, hino, canções do movimento, em convergência, nos remeteria, pelo olhar imediato, à catástrofe da lama venenosa engolindo suas vítimas. Por outras perspectivas - enquanto público da encenação - poderia tratar-se de uma ressignificação do termo terra. Antes de medido, calculado, doado ou analisado, ela é um signo que se confunde com nosso corpo; é um ente vivo padecendo dos mesmos males de um homem doente. Terra envenenada de rejeitos corresponde a corpos futuros em decomposição.



Foto da pesquisa 05: Hiran Possas, 2016.

Os estudantes da Faculdade de Educação do Campo, em memória das vítimas do massacre de Eldorado dos Carajás, revivem a dor dessa perda pelo luto precisando plasmar-se em luta, em especial e sempre pela terra. O sentido terra, como recurso ou fonte inesgotável para a humanidade, fora “rasurado” nessa performance, pela hermenêutica-receptiva pesquisador, parecendo a dar lugar ao um exercício de retorno ou redescoberta de sua perspectiva mítica e/ou primeva: terra é origem, mãe e útero de todos os seres. Na territorialidade do fenômeno poético em destaque, terra não seria o que se perde de vista, mas o espaço do trabalho, do suor e do recebimento daqueles que tombaram pela luta.

### Semioticidade dos sonhos

O “capitalismo cognitivo” ou “cultural”, “saída” ou mergulho em estágios permanentes de crise, estrategicamente, impõe modos de vida orquestrando o social como um imensurável mercado que, em tese, deveria ser “protagonizado” por corpos sedentários e/ou pensamentos sentados pela perspectiva de Baitello (2012): sem saltos, impulsos ou vivacidade, portanto, previsível e acomodado.

Rolnik (2006) chama esse processo persistente anestésico de política do desejo: feitiço da sedução e imposição de mundos naturalizados. Pela força narcísica do sedutor, o seduzido, sem contestações e grandes esforços do pensar, acomoda-se ou senta-se: tudo



sem o exercício de “grande” esforço, a não ser à submissão.

Baitello (2012), chamado para esse diálogo sobre essas políticas de sedação, lembra que sentar e sedar têm a mesma origem etimológica: *sedere*. Devemos, por essa cartilha cognitiva, nos tornar “*Homo Sedens*”, atrofiando músculos, movimentos e, principalmente posicionamentos mais críticos.

Esse regramento do capital-deus fiador da salvação tenta nos condicionar ao exercício do merecimento, ou melhor, na crença de que deveríamos exercer o “melhor” do *Homo Sedens* que nos é imposto, porém os processos de execução das místicas dos discentes do MST, a nosso ver, são práticas de resistência adaptativa sob a forma de textos em vai e vem: um território artístico-político-cultural para a deseducação de sensibilidades.



Foto da pesquisa 06: Jerônimo Silva, 2017.

Se a pistolagem, o agronegócio, os agrotóxicos, os massacres e os despejos são “irremediáveis” e “compreensíveis” pelo “Catecismo do capital”<sup>7</sup>, a mística, em seu recorte pela micronarrativa acima, traduz um fazer poético herdeiro das insubmissões artísticas. A palavra-corpo-performance rememora e ressuscita as vítimas de grandes massacres. Elas agonizam refutando a dor física em favor da verbalização da dor da impunidade. Elas agonizam pelas futuras vítimas dos conflitos agrários. Elas choram e brigam contra o esquecimento: política de memória contra o cerceamento da liberdade. As territorialidades do latifúndio se “alimentam” de vidas pulsantes, tentando demarcar as fronteiras da vida-morte, do status da (des) humanidade; do sem/com terra.

O semioticista tcheco Bystrina, aqui acionado para uma re-leitura das imagens em análises, procura recuperar a signatura da sacralidade em nossas vidas realizando uma arqueologia do que chamará de “raízes da cultura”, a partir dos estudos de Freud e de Jung. Elabora o conceito operatório “segunda realidade”, a partir das pesquisas relativas ao sonho: “[...] como uma cura para o mal existencial”, revelando, desvelando ou recuperando episódios, especialmente, os traumáticos. (BYSTRINA, 1995). A segunda realidade de Bystrina (1995, p. 16) adensa à primeira realidade certos elementos psíquicos: “Entendemos por cultura todo aquele conjunto de atividades que ultrapassa a mera finalidade de preservar a sobrevivência material”.

Bystrina (1995) compreende que, nas origens da segunda realidade, o sonho pode ser considerado o primeiro texto imaginativo. Ele se traduz pelo inconsciente pulsante

7 A metáfora, a partir da etimologia da palavra catecismo, (do latim tardio catechismus, por sua vez originado do termo grego κατηχισμός, derivado do verbo κατηχέω que significa “instruir a viva voz”), tenta dimensionar o que Benjamin (2013) pensou como: “É preciso ver no capitalismo uma religião”. Portanto, em certa medida, certas práticas: investimento de capital, fé, obediência, especulações operações financeiras e compra e venda de mercadorias são equivalentes a um culto religioso.

criando outras/novas realidades. Reordenação de espaço-temporais, subvertendo a ordem dos sentidos/destinos pré-existente. Vitória sobre a morte pela reprodução de cultura.

Harry Pross (1980), semioticista alemão, faz diálogo com a “segunda realidade” pensando-a como “realismo icônico”: *“Lo que significa para el hombre “realidad” es captado por és a través de los artificiales de los signos, de forma que para él no hay más realidad que la experimentada y objetivada por signos [...]”*. Seria, pelo pensar da existência de uma segunda realidade ou do realismo icônico, a mística texto imaginativo-criativo e cultural potencializado pelos desejos retraídos/projetados da psique de vítimas ou de suas escutas? Essa hipótese nos faz pensar que jovens estudantes militantes fazem da mística obra para dar vazão às suas frustrações e dores, potencializando os desejos que na “primeira realidade” parecem distantes: justiça aos povos camponeses vítimas de massacres e da ausência de reforma agrária. Essa catarse, pelas performances artísticas, seria para Bystrina (1995, p. 17) “manifestação sgnica da segunda realidade, armazenada em textos e transferida para fora, que foi criada pela imaginação, pela criatividade e pela fantasia humanas”.

### Considerações...

A definição do tema e objetivo da mística, a construção de um enredo que coadune a comunidade ou grupo, e até mesmo os conflitos e improvisos nos momentos que antecedem o ritual instauram certo campo de experiências que faz com que se constitua e se retroalimente da organicidade do MST, por um lado, e de outro o atravesse de ponta a ponta, colocando-se para além dos quadros e formas de pensamento organizacional. Em termos, a mística é um constante movimento de territorialização e desterritorialização, um movimento incessante para renovação da experiência da memória e uma bússola eficaz para se situar em momentos de perseguição.

Não por acaso, justamente neste ano, os jovens acampados resolveram finalizar a mística do dia 17 de abril com o relato de Maria Zelzuita Oliveira de Araújo, quer dizer, uma pessoa que viveu o episódio há 23 anos, hoje o refaz como partícipe de uma mística que pretende recuperar na memória das lutas do passado. Nesse caso em particular, entre a mística feita na estrada com os jovens lançados ao asfalto (foto 01) e a condução das pessoas para ouvir a narradora em momento posterior (foto 02) percebemos certa interrupção: sem anunciar o encerramento da mística, lentamente os jovens deitados no asfalto se levantaram e em cortejo com os observadores cercam Maria Zelzuita para ouvi-la.

Não se trata de definir se houve ou não a interrupção efetiva da mística, nem ainda de nos determos na descrição ritual, e sim perceber o ponto de elisão que proporciona a ressurreição dos mortos, para, em cortejo com os vivos, ouvir o relato. Nesse deslocamento entre a “beira” e a “estrada”, o “corpo” e a “barricada”, os vivos e os mortos é que se pode, talvez, intuir como a mística se apropria da transitoriedade da vida e da memória para intensificar, paradoxalmente, a eternização do momento, de ela mesma ser uma barricada contra certa temporalidade que nos arrasta para a indiferença das violências efetuadas no passado e presente.

A relação crítica dada nos territórios do lembrar (memória) e do pertencer (identidade/diferença) enunciados no contexto desse artigo situam a mística como um ritual que guarda nesses elementos a força que transborda, não para o signo do “mistério”, mas para o apelo ético que nos convoca como um farol.

Por fim, ainda que sejam frequentes os episódios recentes de negação das atrocidades cometidas pelo Estado contra trabalhadores rurais, afrodescendentes, indígenas e as liberdades próprias de vários cidadãos brasileiros, resultando, por sua vez, na relativização da violência, tortura e da “cultura das armas”, nunca é demais lembrar que é justamente em resposta à banalização das atrocidades que o potencial criativo da memória se dilata e produz formas inovadoras para se viver em um território que seja, ao mesmo tempo, lugar de conciliação dos vivos com a memória dos mortos.



## Referências

ADORNO, Theodor W. **O que significa elaborar o passado**. Educação e emancipação, v. 6, p. 29, 1995.

ALMEIDA, Rosemeire Ap. de. **(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALCÂNTARA, Maria de L. B. de; JUSTOS, Marcelo. **O Movimento dos Sem Terra: uma análise sobre o discurso religioso**. Revista Imaginário. 2006. (s/p).

ALMEIDA, João. **Entrevista Oral** [gravada] realizada por Jerônimo da Silva e Silva. Eldorados dos Carajás, 17 de abril. 2019. 45 min.

ARAÚJO, Maria Zelzuita Oliveira. **Entrevista Oral** [gravada] realizada por Jerônimo da Silva e Silva. Eldorados dos Carajás, 17 de abril. 2019. 1h 12 min.

ADORNO, Theodor W. **O que significa elaborar o passado**. Educação e emancipação, v. 6, p. 29, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAITELLO, Norval Júnior. **A era da iconofagia. Ensaio de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

\_\_\_\_\_, Norval Júnior. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Editora Unisinos, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política**, v. 1, São Paulo, Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_, Walter. **O capitalismo como religião**. Org. Michael Löwy. Trad. Nélcio Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BOGO, Ademar. **A mística: parte da vida e da luta**. Expressão Popular, 2005.

BORGES, Maria C. **De pobres da Terra ao Movimento Sem Terra: práticas e representações camponesas do Movimento Sem Terra no Pontal do Paranapanema – SP**. 2004. 391 f. Tese (Doutorado em História). Faculdades de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista, Assis.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de semiótica e cultura**. São Paulo: CISC, 1995. (Pré-Print).

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DA SILVA, Anderson, **Entrevista Oral** [gravada] realizada por Jerônimo da Silva e Silva. Eldorados dos Carajás, 17 de abril. 2019. 50 min.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. São Paulo: Ed, v. 34, n. 1.2011, 1995.

DINIZZ JÚNIOR, José Américo. **Religião e MST: estudo dos Batistas da Congregação Mon-**

te Sião no assentamento “Antônio Conselheiro II” na região do Pontal do Paranapanema. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

FERNANDES, Bernardo M. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1979-1999)**. 1999. 316 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.

FREI BETTO. **Cotidiano e mistério**. São Paulo: Olho d’água, 2001.

FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (1915).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Editora 34, 2006.

GOMES, M. S. F. **A construção da organicidade no MST: a experiência do assentamento 26 de março** - Pará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Território, poesia e identidade**. *Espaço e cultura*, n. 3, p. 20-32, 1997.

INVISÍVEL, Comitê. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. Tradução de Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

LIMA VAZ, Henrique C. de. **Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental**. In: BINGEMER, Maria C. L; BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos S. (Orgs.). **Mística e Política**. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 9-82.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**. *Anuário Antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2002.

MENEZES NETO, Antonio J. de. **A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. In: Caderno CRH. Salvador, v.20, n. 50, p. 331-341, maio/ago. 2007.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

OLIVEIRA, Bernadete C. **Tempo de travessia, tempo de recriação: os camponeses na caminhada**. In: Estudos Avançados, 15 (43), 2001. p. 255-265.

OLIVEIRA, Cássia Milena Nunes. **MST: a juventude como caminho**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

POSSAS, Hiran de Moura. **Foto da Pesquisa 05**. 2016.

PROSS, Harry. **Estructura Simbólica Del Poder**. Tradução de Pedro Madrigal Devesa y Homero Alsina. Editorial Gustavo Sili S.A. Barcelona: 1980.

\_\_\_\_\_, Harry. **A comunicação e os ritos de calendário**. Disponível em: [http://www.cisc.org.br/porta1/pt/biblioteca/viewdownload/9-pross-harry/83-a\\_comunicacao-e-os-ritos-do-calendario-entrevista-com-harry-pross.html](http://www.cisc.org.br/porta1/pt/biblioteca/viewdownload/9-pross-harry/83-a_comunicacao-e-os-ritos-do-calendario-entrevista-com-harry-pross.html). Acesso em 31 de Out. de 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SANTOS, Carlos. **Território e territorialidade**. Revista Zona de Impacto, v. 13, p. 1-8, 1982.

SILVA, Jerônimo da S. **Foto da Pesquisa 01**. 2019.

\_\_\_\_\_, Jerônimo da S. **Foto da Pesquisa 02**. 2019.

\_\_\_\_\_, Jerônimo da S. **Foto da Pesquisa 03**. 2017

\_\_\_\_\_, Jerônimo da S. **Foto da Pesquisa 04**. 2017.

\_\_\_\_\_, Jerônimo da S. **Foto da Pesquisa 06**. 2017

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STEDILE, João Pedro. e FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a Trajetória do MST e a Luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

TURATTI, Maria C. M. **Os Filhos da Lona Preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST**. São Paulo: Alameda, 2005.

VARGAS NETTO, Sebastião L. F. **A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.

Recebido em 8 de julho de 2019.  
Aceito em 4 de setembro de 2019.